



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS  
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

MATEUS CARVALHO DA SILVA

A FUNDAMENTAÇÃO METAFÍSICA DA PESSOA NA ANTROPOLOGIA  
PERSONALISTA DE KAROL WOJTYŁA

ANÁPOLIS-GO

2021

MATEUS CARVALHO DA SILVA

A FUNDAMENTAÇÃO METAFÍSICA DA PESSOA NA ANTROPOLOGIA  
PERSONALISTA DE KAROL WOJTYŁA

ANÁPOLIS-GO

2021

MATEUS CARVALHO DA SILVA

A FUNDAMENTAÇÃO METAFÍSICA DA PESSOA NA ANTROPOLOGIA  
PERSONALISTA DE KAROL WOJTYŁA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia, sob a orientação do prof. Ms. Tobias Dias Goulão.

FOLHA DE APROVAÇÃO

MATEUS CARVALHO DA SILVA

A FUNDAMENTAÇÃO METAFÍSICA DA PESSOA NA ANTROPOLOGIA  
PERSONALISTA DE KAROL WOJTYŁA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia, sob a orientação do prof. Ms. Tobias Dias Goulão.

Data de aprovação:

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

BANCA EXAMINADORA

ANÁPOLIS-GO

2021

Como sabeis, sempre desejei ser santa. Mas, ai! Comparando-me com os santos, sempre constatei que há entre eles e eu a mesma diferença que existe entre uma montanha cujo cimo se perde nos Céus e o grão de areia obscuro, calcado aos pés dos caminhantes. Ao invés de me desanimar, disse a mim mesma: O BOM DEUS NÃO PODERIA ME INSPIRAR DESEJOS IRREALIZÁVEIS.

Santa Teresinha do Menino Jesus e da Sagrada Face.

## **RESUMO**

O presente trabalho procura entender o modo como a metafísica influencia e colabora com o personalismo de Karol Wojtyła, como os conceitos são aplicados e modificados na elaboração da filosofia de Wojtyła. Fazendo uma retomada histórica do desenvolvimento da antropologia e tendo em vista o fundamental papel da metafísica para a sustentação da realidade do homem. A partir deste dado que se busca explicar e fazer a retomada da antropologia personalista de Karol Wojtyła que tem por base a filosofia perenne de onde se elencará os principais aspectos metafísicos que compõem o homem.

**Palavras-chave:** Wojtyła; Antropologia; metafísica; pessoa; alma.

## **ABSTRACT**

This work seeks to understand how metaphysics influences and collaborates with Karol Wojtyła personalism, how concepts are applied and modified in the elaboration of Wojtyła philosophy. making a historical retake of the development of anthropology and considering the fundamental metaphysical role in sustaining the reality of man. Based on this data, we seek to explain and retake the personalist anthropology of Karol Wojtyła, which is based on the perennial philosophy from which the main metaphysical aspects that make up man will be listed.

**Keywords:** Wojtyła; Anthropology; metaphysics; people; soul.

## SUMÁRIO

|                                                                                               |           |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| 1.                                                                                            | 9         |
| <b>2. O DESPERTAR FILOSÓFICO ANTROPOLÓGICO, OS SOFISTAS CRIADORES DA FILOSOFIA HUMANISTA.</b> | <b>9</b>  |
| 2.1 Sócrates: “a alma essência do homem”                                                      | 12        |
| 2.2 Aristóteles: “ <i>de anima</i> ” (a alma) princípio da singularidade da pessoa.           | 14        |
| <b>3. A METAFÍSICA TOMISTA COMO BASE DA ANTROPOLOGIA PERSONALISTA DE WOJTYŁA</b>              | <b>17</b> |
| 3.1 O tomismo em Karol Wojtyła                                                                | 17        |
| 3.2 A metafísica da pessoa                                                                    | 17        |
| 3.3 A experiência e pessoa                                                                    | 18        |
| <b>4. ELEMENTOS DA CONSTITUIÇÃO DA PESSOA NA VISÃO PERSONALISTA DE KAROL WOJTYŁA</b>          | <b>21</b> |
| 4.1 Espiritualidade e interioridade.                                                          | 21        |
| 4.2 A vontade e autodeterminação                                                              | 22        |
| 4.3 Felicidade, liberdade e verdade.                                                          | 23        |
| 4.3.1 A felicidade                                                                            | 24        |
| 4.3.2 A liberdade                                                                             | 24        |
| 4.3.3 A verdade                                                                               | 25        |
| <b>6. BIBLIOGRAFIA</b>                                                                        | <b>27</b> |



## **A FUNDAMENTAÇÃO METAFÍSICA DA PESSOA NA ANTROPOLOGIA PERSONALISTA DE KAROL WOJTYLA**

### **1. INTRODUÇÃO**

A negação da realidade metafísica diante da antropologia contribui para a falta de sentido e a degradação da dignidade pela qual passa o homem moderno? Parece que quanto menos o homem se compreende por falta de um conhecimento antropológico ou quanto mais as correntes filosóficas e antropológicas desvinculadas da metafísica acabam por rebaixar o homem de modo que perdem o sentido da realidade e da verdade. Logo se a antropologia prescinde da metafísica a uma perda do sentido do ser e da sua dignidade.

Seguindo esse raciocínio do desuso da metafísica como base antropológica percebe-se que o mundo vive no momento atual uma falta de sentido, onde os homens perderam o seu senso de direção existencial e flutuam à deriva em um mar de enganos e desilusões tornando-se como marionetes das grandes correntes, desprovidos do direito de conhecer a constituição metafísica do seu próprio ser e existir. E a elas (correntes filosóficas) se inclinam de tal maneira que encontram no isolamento, nos vícios mais escravizantes, ainda que por um ínfimo segundo um impulso para continuar vivendo.

A filosofia personalista busca justamente fazer compreender as diversas dimensões que o homem possui; essa pesquisa quer também compreender e explicar, a partir da visão personalista, como é possível fazer com que a pessoa perceba de um modo completo e concatenado o seu ser. “A pessoa não pode ser vista, na filosofia personalista, apenas como uma estrutura. Seu ser não pode ser separado do seu agir.” (MOUNIER, 1974. p. 136). É a partir desta, que parece ser uma das máximas personalista que se buscará compreender o ser homem; em sua totalidade, levando em consideração não apenas uma parte, como um objeto focado por luz apenas de um ângulo, mas abrangendo e analisando o todo que ele é e o seu lugar no mundo como destaca Wojtyła: “O homem é objetivamente ‘alguém’ nisto consiste o que o distingue dos outros seres do mundo visível que, da sua parte objetivamente, são sempre qualquer ‘coisa’.” (WOJTYLA, 1979, p. 11).

Este estudo quer compreender como o personalismo de Karol Wojtyła, de uma forma nova e mais rica, compreende o ser da pessoa, fugindo da construção objetivamente psicológica e das demais ciências ou aquelas das filosofias existencialistas. Nesse sentido, se encontra a antropologia personalista permeada por conceitos e fundamentações metafísica, sem ela não é possível entender o homem e as suas tensões enquanto pessoa.

## 2. O DESPERTAR FILOSÓFICO ANTROPOLÓGICO, OS SOFISTAS CRIADORES DA FILOSOFIA HUMANISTA.

Aristóteles na obra *Metafísica* destaca a necessidade que o homem tem de conhecimento: “Todos os homens tendem por natureza ao saber” (, 2002, p. 3), isso não quer dizer que o homem tenha sempre tido o interesse de saber acerca de si mesmo. Em geral, no período naturalista, os filósofos tiveram a sua atenção voltada totalmente para o problema da *arché*<sup>1</sup>, aquilo que gera e mantém todas as coisas. E se detiveram em problemas como:

Como surge o cosmo? Quais são as fases e os momentos de sua geração? Quais são as originárias forças que agem? Com os sofistas porem o quadro muda e aquilo que atrai a atenção é a realidade do homem, ou seja, sua natureza e sua virtude ou *areté*:<sup>2</sup> nasce assim o problema moral. (REALE; ANTISERI, 2013, p.22)

A respeito dessa virada filosófica nos diz Yarza:

A sofística inicia um novo período na filosofia grega, uma época que poderia ser chamada de humanista, porque talvez seja sua principal característica, o interesse pelo homem e tudo o que a ele se refere. Até então, foi o mundo, como um todo e seu princípio, o centro da especulação filosófica; O homem só apareceu como parte do todo e foi explicado mediante o princípio primeiro de maneira naturalista. O interesse pelo humano também é manifestado nos princípios morais e regras de conduta que os filósofos enunciados, mas cujo fundamento racional foi deixado sem explicação, porque eles geralmente estavam em dependência de suas crenças religiosas, com a sofística, ao contrário, o homem ocupa o plano inicial da preocupação filosófica. Por um lado, as diferentes soluções, em muitos casos contrapostos, que até agora haviam sido dadas sobre mundo e sua origem, poderia levá-los a algum ceticismo e voltar o seu interesse a outros problemas<sup>3</sup> (YARZA, 2010, p. 65, tradução nossa).

Em geral quando se fala dos sofistas destaca-se muito o sentido pejorativo da filosofia por eles desenvolvida e, com isso, faz-se com que caia no esquecimento o ganho filosófico por eles impulsionado. Essa corrente filosófica foi responsável por inaugurar uma nova fase na filosofia grega onde o homem toma um lugar de destaque; o humanismo grego

<sup>1</sup> Arché: **Princípio**. (ABBAGNANO, 2012, p88). Para os filósofos Naturalistas é o que equivale à substância que deveria estar presente em todos os momentos da existência de todas as coisas. Ex: Para Tales de Mileto a água seria esse elemento primordial. “De fato, eles afirmam que aquilo de que todos os seres são constituídos e aquilo de que originariamente derivam e aquilo em que é uma realidade que permanece idêntica mesmo na mudança de suas afecções”. (REALE, 2002, p. 15)

<sup>2</sup> Areté: **Virtude**. Esse termo designa uma capacidade qualquer ou excelência, seja qual for a coisa ou ser a que pertença. Seus significados específicos podem ser reduzidos a três: 1° capacidade ou potência em geral; 2° capacidade ou potência própria do homem; 3° capacidade ou potência moral do homem. (ABBAGNANO, 2012, p1198)

<sup>3</sup> *La sofística inicia un período nuevo de filosofía griega, una época que podría denominarse humanista, pues es ésta quizá su principal característica, el interés por el hombre y todo lo que a él se refiere. Hasta entonces era el mundo, el todo y su principio, el centro de la especulación filosófica; el hombre sólo aparecía como parte de la totalidad y era explicado mediante el primer principio de un modo naturalista. El interés por lo humano se manifiesta también en los principios morales y reglas de conducta que los filósofos enunciaban, pero cuyo fundamento racional dejaban sin explicar, pues normalmente estaban en dependencia de sus creencias religiosas. Con la sofística, por el contrario, el hombre ocupa el primer plano de la preocupación filosófica. Por una parte, las soluciones distintas, en muchos casos contrapuestas, que hasta el momento se habían dado sobre el mundo y su origen, pudieron inducirles a un cierto escepticismo y a centra su interés en otros problemas.* (YARZA, 2010, p. 65)

tem como características, nas palavras de Yarza, um interesse especial “pelo homem e tudo ao que a ele se refere<sup>4</sup>” (2010, p. 65, tradução nossa). Destaca ainda o que levou a essa mudança:

Mas, além disso, as novas circunstâncias históricas, o conhecimento de outras culturas, outros modos de vida e princípios morais diferentes dos tradicionais da Grécia, também deve tê-los levado a questionar sobre a força de suas próprias leis e, em última instância, a buscar seus fundamentos, que eles não poderiam encontrar no mundo físico, mas apenas no homem, em sua natureza peculiar. (YARZA, 2010, p. 66. Tradução nossa).

Fazendo esse percurso histórico acerca do processo de desenvolvimento da antropologia não é possível passar sem dar a devida atenção aos “filósofos do ser”, entre os quais se destaca aqui Parmênides e o seu pensamento a respeito do ser que, em muitos aspectos, se parece com igual constatação feita por René Descartes, primeiro filósofo moderno no século XVI, donde podemos perceber o alcance e a importância do seu pensamento que em certo sentido desnuda a existência do seu ser.

Constata Parmênides:

O ser é e o não pode não ser; o não ser não é e não pode de nenhum modo ser. [...] “ser” e “não ser” são, portanto, entendidos no significado integral e unívoco: o ser é o puro positivo e o não ser é o puro negativo, um é o absoluto contrário do outro. Parmênides justifica essa tese com uma argumentação muito simples: tudo aquilo que um pensa e diz é. Não se pode pensar (e, portanto, dizer) senão pensando (e, portanto, dizendo) aquilo que é. Pensar o nada significa pensar de modo algum, e dizer o nada significa não dizer nada. Portanto, o nada é impensável e indizível. Portanto, pensar e ser coincidem: o mesmo é o ser e o pensar. (PARMÊNIDES apud REALE; ANTISERI, 2013, p.48).

Essa é uma constatação importante para o presente estudo, pois revela a existência de um Ser que é anterior ao ser que é; “ingerado e incorruptível”, segundo o filósofo, este Ser não poderia ser gerado, pois tudo que é gerado de algum modo o foi por meio de um anterior a ele, ou seja, um *não ser* o que segundo seu raciocínio seria absurdo, pois no *não ser* não pode estar contido o *ser*. Então teria que ser derivado do ser, mas segundo Parmênides é igualmente um absurdo, pois sendo assim o ser já seria.

As duas constatações feitas a partir do pensamento de Parmênides são necessárias para o desenvolvimento da antropologia, sobretudo a cristã. A primeira: de um ser anterior que é ingerado e eterno, o que provavelmente veio a influenciar outros filósofos posteriores como Aristóteles com a ideia do “motor imóvel”, que foi fundamental para a da ideia de um criador que, posteriormente, se interpretará a partir de uma visão cristã com a imagem de um Deus pessoal.

---

<sup>4</sup> “El interés por el hombre y todo lo que a él se refiere” (Yarza . 2010, p. 65)

A segunda é que o ser e o pensar coincidem segundo Parmênides. Para a antropologia o destaque se dá na compreensão do processo do conhecimento humano ainda que o “*Ser*” de Parmênides não seja propriamente o homem, mas faz perceber essa característica que lhe é intrínseca, e o modo como essa característica o diferencia dos demais seres. Enquanto os demais apenas existem, o homem existe e sabe que existe porque possui a capacidade de raciocinar, de modo que o pensamento não confere o ser ao homem, mas que a partir disso o homem pode se perceber e perceber a realidade que o rodeia. A metafísica se dá de modo inseparável neste processo.

Protágoras, que está entre os maiores sofistas, coloca o homem como sendo o centro da realidade, já que em sua filosofia relativista “o homem é quem determina o que é o objeto e o faz segundo seu próprio conhecimento, fundamentado por ele exclusivamente nos sentidos que como todas as coisas são também mutáveis”. <sup>5</sup>(YARZA, 2010, p. 67. Tradução nossa) o que fica claro quando se analisa a sua famosa frase: “o homem é a medida de todas as coisas, das que são enquanto são e das que não são enquanto não são<sup>6</sup>”. (YARZA, 2010, p. 67 apud DIELS, 1995, p. 197-200. Tradução nossa).

A princípio, o que se deseja destacar é menos o valor moral do interesse desses filósofos, mas e, sobretudo, a importância que tiveram para uma nova concepção e desenvolvimento da nova especulação filosófica e metafísica que os sucedeu. Isso se dá justamente pelo efeito negativo da antropologia sofista que obrigara outros filósofos a se deterem neste campo com o intuito de contrapor os “erros” cometidos pelos sofistas, como mais adiante se verá com a oposição de Sócrates a esse pensamento.

Portanto, a partir do pensamento do grande sofista Protágoras, pode-se perceber como a sua definição gnosiológica, de algum modo, traz, atrelada a si, concepções antropológicas que são indispensáveis para o que aqui investigamos.

Com Protágoras o homem torna-se a medida de todas as coisas “*homo mensura*”. “A ‘medida’ da qual fala Protágoras é a ‘norma do juízo’ e as coisas são todos os fatos e as experiências em geral.” (REALE E ANTISERI, 2013, p.74) a partir do que conclui Protágoras

---

<sup>5</sup> *Es el hombre quiendetermina la verdad del objeto y la determina según su propio conocimiento, fundamentado para protágoras exclusivamente em los sentidos, que como todas las demás cosas son también cambiantes.* (YARZA, 2010, p. 67)

<sup>6</sup> *El hombre es la medida de todas las cosas, de la que son em cuanto son, de las que no son em cuanto no son*” (YARZA, 2010, p. 67)

que é possível perceber em qual posição o homem se encontra; não apenas no centro da discussão como também na posição de determinar o que está à sua volta.

Percebe-se a importância do processo de mudança do pensamento humano gerado pelos sofistas, mas é preciso fazer um salto até Sócrates que é quem eleva essa investigação a um novo nível. Assim como os sofistas, ele se detém no mesmo tema, porém se aprofunda e busca sair dos irresolúveis problemas que os sofistas geraram visto que: “se contradisseram a ponto de sustentar tudo e o contrário de tudo” (REALE; ANTISERI, 2013, p.84), e com isso formula uma importante definição de que é o homem não é apenas uma de suas capacidades (conhecer), mas do homem enquanto possuidor de uma alma e, portanto a sua essência.

### **2.1 Sócrates: “a alma essência do homem”**

Diferindo dos sofistas, Sócrates não deseja colocar o homem no centro da discussão filosófica com o intuito de ter lucro, prestígio e fama, mas “Sócrates ao contrário, procura responder a esta pergunta: ‘o que é a essência do homem?’. A resposta é precisa e inequívoca: o homem é a sua alma, pois é justamente a sua alma a diferenciá-lo de qualquer outra coisa”. (REALE; ANTISERI, 2013, p.85). A alma ou *psyché* na filosofia socrática significa justamente a sede de toda a atividade racional do homem e, com isso, se quer dizer: a consciência, a personalidade intelectual e moral. Dessa maneira, segundo Yarza, para Sócrates o mais importante era cuidar das almas de seus concidadãos atenienses a partir de uma perspectiva ética, que culminará na virtude. (YARZA, 2010, p. 75)

Vale destacar que o sentido de alma em Sócrates é diferente do sentido Cristão, isso porque para ele a alma é a razão, ou seja, o agir moral virtuoso é o melhor que se pode desejar além de prescindir do caráter transcendental o que na filosofia cristã jamais poderá acontecer. Corroborando com o pensamento de Yarza a cerca de Sócrates, Reale e Antiseri contribuem para compreensão do entendimento de Sócrates acerca da alma quando diz:

E visto que para ele o homem é a sua alma, ou seja, a razão, e as virtudes são aquilo que o aperfeiçoa e atua plenamente na natureza do homem, ou seja, a razão é evidente que as virtudes resultam ser uma forma de ciência e de conhecimento, porque são justamente a ciência e o conhecimento que aperfeiçoam a alma e a razão. (REALE; ANTISERI, 2013, p.87).

O que Sócrates faz é uma inversão dos valores éticos que a comunidade grega, naquele momento, colocava como regra, a saber, o cuidado com a saúde, a beleza, o poder e a força física, por exemplo. Sócrates, então, buscava como prioridade o cuidado com a alma, isso se faz por meio da “ciência” (conhecimento), pela qual se busca direcionar a alma para a sua natureza, conforme ele exemplifica, como a virtude do “cão é ser bom guardião, a virtude

do cavalo é ser veloz” (REALE; ANTISERI, 2013, p.86). Segundo ele, a virtude para o homem é alcançar a bondade e a perfeição. Não existindo outro modo a não ser a via do conhecimento.

Como Sócrates tem esse fundamental papel na transição de uma antropologia sofista que possui o caráter relativista para outra que, de certo modo, é determinada, é preciso definir os principais conceitos de sua antropologia que posteriormente serão revistos na ótica da antropologia cristã personalista. Esses conceitos são muito importantes e estão plenamente entrelaçados de modo que não é possível chegar a compreensão de um sem passar pelo que lhe é anterior. São eles: essência do homem, felicidade e virtude, liberdade, vício ou “mal”. O que será exposto aqui de forma breve e concisa.

Como já foi dito, o homem é sua alma. A alma é sua consciência, personalidade intelectual e moral e acima de tudo razão e conhecimento. O corpo é instrumento da alma e é onde todos esses atributos da alma se mostram como se verá em seguida.

A *Areté*, que também pode ser chamada de virtude é a excelência da virtude moral, o homem deve buscá-la por meio do conhecimento ou ciência, de modo que podemos aferir que somente o sábio é virtuoso e só o virtuoso vivendo segundo esse fim de sua alma é feliz. A Ciência ou conhecimento é aquilo que tem como objetivo aperfeiçoar por meio do saber, ou seja, é o caminho que leva à virtude. (REALE; ANTISERI, 2013, p.86).

O vício ou mal é fruto da ignorância e, no pensamento socrático, é impossível praticar o mal conhecendo o bem. Logo, aqueles que praticam o mal o fazem por ignorância. Por natureza, o homem busca o bem e, mesmo que pratique o mal, ele está sempre em busca de um bem, o que Sócrates chama de mal involuntário. (REALE; ANTISERI, 2013, p.87).

A liberdade é definida por Sócrates nas palavras de Reale e Antiseri, como sendo a mais significativa manifestação da excelência *psyché* ou razão humana. A qual veio a ser chamado “autodomínio” (*enkratéia*) que é a capacidade de dominar sentidos, sentimentos e desejos, fazendo com que a alma tenha controle sobre o corpo. Portanto, em Sócrates, o homem verdadeiramente livre é aquele capaz de dominar seus instintos. (REALE; ANTISERI, 2013, p.88).

Ainda para o filósofo antigo, a felicidade não pode ser alcançada nas coisas externas, nem através do corpo. O homem só pode ser feliz quando tem a sua alma ordenada, virtuosa. Segundo Reale e Antiseri, o homem é o verdadeiro artífice da própria felicidade ou

infelicidade, ou seja, ele tem o poder de escolher seus caminhos, de fazer escolhas, de procurar as virtudes ou os vícios. (REALE; ANTISERI, 2013, p.88).

## **2.2 Aristóteles: “*de anima*” (a alma) princípio da singularidade da pessoa.**

No processo de desenvolvimento da pesquisa que se apresenta, não é possível chegar à compreensão da proposta antropológica personalista sem passar por aqueles que de algum modo se tornam as bases uns dos outros. Seguindo esse raciocínio pode-se afirmar que Aristóteles foi o grande precursor das definições acerca da alma em uma visão realista metafísica, sobretudo em sua grande obra *De Anima*, fazendo de seus predecessores a base científica de seu estudo e o desenvolvimento de sua filosofia.

Por sua vez, posteriormente, durante o período medieval Santo Tomás de Aquino fez a compilação e “correção” destas filosofias, convertendo-as ao pensamento Cristão, se tornando o grande ponto de referência da filosofia e Teologia do mundo Cristão. Fazer esse caminho é indispensável para quando, diante do personalismo de Wojtyla, compreender o que ele quer dizer e aonde quer chegar. Para tanto, neste presente tópico se analisará o pensamento Aristotélico comentando-o a partir do pensamento de Santo Tomás de Aquino.

Disse o Estagirita no princípio de seu livro a respeito da alma:

Assim, em função de ambos esses motivos, somos levados a colocar a investigação da alma em primeiro lugar. Seu conhecimento parece muito contribuir, para aquele da verdade em geral e, sobretudo, para o nosso entendimento da natureza na medida em que a alma é certo sentido, princípio de vida. (ARISTÓTELES, 2018, p. 41).

Aristóteles considera a alma como o princípio de vida e, seguindo esta definição, pode-se afirmar, assim como ele, que a alma é o ato primeiro de um corpo em potência. Com isso, o que Aristóteles faz é uma diferenciação entre os seres animados e os inanimados. Outros conceitos indispensáveis para a compreensão da alma segundo o Filósofo e o de matéria e forma, ato e potência. Podemos afirmar como Aristóteles que a alma é a potência de vida de algum corpo com potência de vida. (ARISTÓTELES, 2018, p.72).

Em sua teoria o Estagirita faz uma divisão dos três modos de operação da vida, que em certo sentido operam segundo as funções fundamentais da vida sendo ela: o caráter vegetativo que encerra o nascimento e nutrição; sensitivo-motor, sensação e movimento e o caráter intelectual que abrange o conhecimento, deliberação e escolha.

No que se refere aos seres mortais, é possível dissociar a função de nutrição das outras funções, mas não estas da função de nutrição, o que se evidencia nas plantas: não são dotadas de qualquer outra faculdade da alma. É graças à presença desse princípio que podemos falar de coisas vivas; é, todavia, a posse da sensação que nos

faculta falar de coisas vivas como animais, pois mesmo os seres destituídos da capacidade de movimento e locomoção, mas dotados de capacidade de sensação, são chamados animais, e não simplesmente coisas vivas. [...] que difere do ponto de vista do discurso racional é a faculdade de opinar porque a ação de sentir é diferente da ação de opinar. Considere-se, outrossim, que certos animais são detentores simultaneamente de todas essas faculdades, outros, apenas de algumas, ao passo que outros ainda possuem somente uma delas, o que serve de base para a classificação animal. (ARISTÓTELES, 2018, p. 75- 77).

Aristóteles, fazendo essa divisão dos modos de operação da alma, determina uma hierarquia, o que coloca o homem no patamar mais alto, possuindo o que se poderia dizer a “completude” da alma, ou seja, os três modos pelo qual ela opera e, neste sentido, possui o caractere intelectual da alma que, por assim dizer, seria dentre as plantas e os animais o que ocupa o cimo desta tríplice composição da alma.

Portanto, o homem por sua capacidade racional ocupa um lugar de destaque entre os seres como se pode perceber nas palavras de Santo Tomás de Aquino, na sua obra *Suma Teológica*: “Deve-se admitir que o intelecto, princípio de operação intelectual, é a forma do corpo humano. Pois, aquilo que faz, primariamente com que um ser opere, é a forma do ser ao qual se atribui à operação”. (AQUINO, 2016, p.491)<sup>7</sup>. O Aquinate, seguindo o mesmo pensamento de Aristóteles, também hierarquiza os seres vivos do mundo sensível. Logo, as plantas possuem somente a faculdade vegetativa na qual está inserida a nutrição e reprodução. Em seguida, encontram-se os animais que além da capacidade nutritiva e reprodutiva, a sensitiva-motora, o que faz dos animais seres mais perfeitos que as plantas. O homem, entretanto, possuindo todas as faculdades anteriores, também possui a capacidade racional, que é a faculdade intelectual, que o distingue de todos os demais seres, e, por esse motivo, a alma é aquilo que torna o homem igual a todos os viventes é ao mesmo tempo o princípio da sua singularidade, uma vez que o ser humano possui faculdades próprias.

Diz a Santo Tomás a respeito da alma intelectual: “portanto é forçoso admitir que a alma sensitiva, intelectual e nutritiva é no homem uma só alma. [...] do mesmo modo, a alma intelectual contém, pela sua virtude, tudo o que tem a sensitiva dos brutos e a nutritiva das plantas” (AQUINO, 2016, p.498-499).<sup>8</sup>

Perceba-se o modo como o homem se torna a sumidade dos seres. Como já foi dito, todos os animais não humanos possuem alma vegetativa e sensitiva, portanto, se o homem no quesito alma sensitiva se iguala a esses animais, logo é superior aos demais seres que não

---

<sup>7</sup> Q 76, a.1

<sup>8</sup> Q 76, a.3



possuem a alma sensitiva e com isso o homem é superior aos vegetais. A alma sensitiva é aquela que possui a capacidade de receber sensações, momento em que a capacidade de sentir se torna ato. Segundo Reale e Antiseri, “da sensação derivam a fantasia, que é produção de imagens, e a memória, que é conservação delas, e, por fim, a experiência, que nasce do acúmulo de fatos mnemônicos”<sup>9</sup>. (REALE; ANTISERI, 2013, p.214).

Se nesses dois primeiros modos pelo qual a alma opera, o homem, em certo sentido se torna igual a todos os demais seres vivente o terceiro modo o torna único, pois entre eles o homem é a única a possuindo alma intelectiva não se reduz à simples vida vegetativa, e não vive somente a partir dos impulsos do princípio nutritivo. Também não fica apenas nos fatos mnemônicos, mas os ultrapassa por seu princípio racional como se verá em seguida.

A respeito da alma intelectiva segundo Aristóteles, diz Reale e Antiseri:

O ato intelectivo é análogo ao ato perceptivo, enquanto é um receber ou assimilar as ‘formas inteligíveis’, assim como aquele era uma assimilar as ‘formas inteligíveis’, porém difere profundamente do ato perceptivo, pois não é misturado ao corpo e ao corpóreo: ‘o órgão dos sentidos não está sem o corpo, ao passo que a inteligência está por conta própria’. Também o conhecer intelectivo, assim como o perceptivo, é explicado por Aristóteles em função das categorias metafísicas de potência e ato. A inteligência é, de per si, capacidade e potência de conhecer as puras formas; por sua vez, as formas estão contidas em potência nas sensações e nas imagens da fantasia; é preciso, portanto, algo que traduza em ato essa dupla potencialidade, de modo que o pensamento se atualize, captando em ato a forma, e a forma contida na imagem se torne conceito captado e possuído em ato. (REALE; ANTISERI, 2013, p.215).

O homem difere do cão ao passo que, enquanto a alma sensitiva motora do cão lhe permite receber e armazenar as imagens e sensações, o homem é capaz de as entender, isso quer dizer que o homem é capaz de refletir acerca dos acontecimentos em sua vida e ao seu redor. O homem é capaz de conhecer, nomear, tornar em ato os conceitos por ele formulados, retomar e aperfeiçoar, chegar à verdade. Santo Tomás a respeito dessa hierarquia dos seres, diz sobre os animais:

Os outros animais são de tal modo inferiores ao homem, que não podem atingir o conhecimento da verdade, que a razão indaga. Ao passo que o homem atinge, mas imperfeitamente, ao conhecimento da verdade inteligível, que os anjos conhecem. Por onde, a virtude cognitiva dos anjos não é de gênero diferente da virtude cognoscitiva da razão; mas está para esta como o perfeito para o imperfeito. (AQUINO, 2016, p.535)<sup>10</sup>.

Com isso o que pretende dizer Santo Tomás é justamente que o homem possui uma alma subsistente, que é sua essência, e que mesmo quando o corpo se corrompe a alma do

<sup>9</sup> Adjetivo: Relativo à memória, ao ato de memorizar, de reter ideias, sensações, impressões; mnemônico.

<sup>10</sup> Q 79, a.8

homem permanece, independe, portanto do material para existir, e ao mesmo tempo é o que por si só o torna em potência de conhecer, e conhecem a verdade passando de uma para a outra, por meio da contemplação e do raciocínio. Por conseguinte e sem sombra de dúvidas, a alma racional faz o homem único entre todos os seres.

### **3. A METAFÍSICA TOMISTA COMO BASE DA ANTROPOLOGIA PERSONALISTA DE WOJTYŁA**

#### **3.1 O tomismo em Karol Wojtyła**

De certo modo a filosofia de Karol Wojtyła não estaria completa se excluirmos a filosofia de Santo Tomás de Aquino, e certamente o filósofo aqui em destaque caminhou passo a passo com o Aquinate até ser capaz de compor a sua própria filosofia, que apesar de retomar e resignificar muitos termos, ainda continuam a possuir o mesmo significado metafísico, algo que é comum no processo de amadurecimento do homem e de seu pensamento. Esse processo não denigre a filosofia tomista apenas a torna mais clara pra as mentes de hoje.

Para quem é ao menos um pouco familiarizado com o pensamento de Wojtyła, esta tese aparece um tanto quanto surpreendente, dado que nos seus escritos do próprio Wojtyła o nome e o pensamento de São Tomás são recordados muitas vezes. É verdade, que olhamos o desenvolvimento do pensamento do nosso autor, não é difícil observar que nos primeiros escritos o pensamento de São Tomás está presente de modo muito mais forte e mais explícito que nos ensaios maduros. (MERECKI, 2014, p.39)

A filosofia tomista que Wojtyła estudou fora desenvolvida pelos filósofos Étienne Gilson e Jacques Maritain que fora chamada de filosofia de Lublin e que já trabalhavam essa linha humanista do personalismo.

Nessa visão a filosofia de São Tomás de Aquino é vista sobretudo como uma filosofia do ser, isto é – o qual se tinha nutrido principalmente da metafísica aristotélica – consiste na descoberta do papel da existência no ser e assim na proposta da nova concepção do próprio ser. (MERECKI, 2014, p.43)

Portanto, por mais que não seja possível falar do desenvolvimento de uma filosofia tomista por parte de Karol Wojtyła pode-se afirmar a importância do tomismo na elaboração do personalismo cristão que ele propôs. Se o uso de termos diferentes acaba por demonstrar a diferença existente a explicação cuida de unir novamente os dois filósofos, como é o caso do termo pessoa. Merecki (2014) relata que Santo Tomás usou em seu tratado para falar de Deus, perfeição das perfeições, e que Wojtyła aplica ao homem, perfeição entre as criaturas.

### 3.2 A metafísica da pessoa

Em toda corrente filosófica, quanto mais pessoas se dedicam a estudá-la e, em certo sentido, aderem a ela, tantos outros modos de pensar derivarão deste primeiro. Com o personalismo não é diferente e, portanto, é necessário definir qual linha personalista de Wojtyła e qual o ponto de ligação com a metafísica tomista.

O que se percebe, sobretudo na obra *Persona y acción* de Karol Wojtyła é justamente a fusão de duas correntes filosóficas; a primeira é a fenomenologia, a segunda é a tomista e sua ontologia. Isso fica muito claro no método da experiência integral, tendo em vista que considera a pessoa enquanto ente, como também o que lhe é externo.

A antropologia e a metafísica possuem uma relação tendo em vista que a metafísica está na posição de matriz das demais ciências, pois como diz Aristóteles ela é o cume de toda a ciência, tendo em vista que a metafísica possibilita uma compreensão ampla do universal, como também é ela que qualifica o real.

Desse modo, a respeito da filosofia da Wojtyła, nos diz Manoel Burgos: “Aristóteles e Tomás de Aquino assumiram fundamentalmente sua posição realista e ontológica que aposta na consciência do ser, do ser pessoal em particular, rejeitando o fluxo da consciência humana”<sup>11</sup>(BURGOS, 2015, p.15, tradução nossa). Assim sendo, a pessoa em toda a sua constituição<sup>12</sup> enquanto um dado psicológico, material, e espiritual pode ser investigado e compreendido por meio da experiência, onde se torna claro o elemento da irreducibilidade, ou seja, todas as experiências a tornam única, irrepetível e distinta de todas as outras pessoas.

“A metafísica que se ocupa do mais universal e último não pode decidir nada específico sobre o homem, mas pode sustentar teses relevantes sobre a sua constituição enquanto ser”<sup>13</sup> (BURGOS, 2015 p.221, tradução nossa). Isso quer dizer exatamente que, a metafísica não tem a pretensão de destrinchar cada aspecto interior da pessoa como: emoções, fraquezas e limitações, fecundidade, felicidade, etc., mas ela como fundamento da realidade, a base da explicação da existência do real é doutra em contribuições que fazem chegar a uma explicação coerente da existência”.

---

<sup>11</sup> *Aristóteles y Tomás de Aquino asumieron fundamentalmente su posición realista y ontológica que apuesta por la conciencia del ser, del ser personal en particular, rechazando el flujo de conciencia humano* (BURGOS, 2015 p.15)

<sup>12</sup> Enquanto sua constituição corporal; dotado de um corpo.

<sup>13</sup> *la metafísica, que se ocupa de lo más universal y último no puede decidir nada específico sobre el hombre, si bien puede sostentar tesis relevantes sobre su constitución en cuanto ser.* (BURGOS, 2015 p.221)

### 3.3 A experiência e pessoa

O conhecer do homem foi definido por muitos filósofos, como se abordou no ponto 1.2 deste trabalho onde o desejo do homem de se aprofundar por meio da ciência foi descrita segundo dois aspectos: o primeiro segundo a visão naturalista onde o homem buscava o conhecimento das coisas em contato com o mundo e isso até este momento era o mais importante. O segundo aspecto foi o da referência humanista que por meio da revolução antropológica dos sofistas se destaca o conhecimento a respeito do homem. A pessoa toma o centro que era ocupado pelas coisas.

É a experiência mais rica e provavelmente a mais complexa de todas que o homem tem ao seu alcance. A experiência de qualquer coisa fora do homem sempre traz consigo uma certa experiência do próprio homem. Pois o homem nunca experimenta nada externo a si mesmo sem, de alguma forma, experimentar a si mesmo simultaneamente<sup>14</sup>. (WOJTYLA, 2017, p.33, Tradução nossa).

A respeito desse desejo de conhecer do homem, se pode perceber como a antropologia personalista de Karol Wojtyła entende o processo de conhecimento humano, onde os dois aspectos anteriores não são excludentes, mas colaboram para que a pessoa chegue não somente à compreensão do que são as coisas, mas também de si.

A antropologia de Wojtyła considera a “experiência do homem”, para ele essa experiência é o ponto de partida e que se compreende como sendo esse contato com a realidade, com o que existe, em uma linguagem metafísica, com as coisas. Como explica Cesar (2015, p. 24), “Este conceito de experiência não se identifica com o empirismo ou o fenomenismo, porque reduzir todas as experiências, unicamente a funções e conteúdos dos sentidos constitui um equívoco”. Em vista disso, o que Karol Wojtyła considera não é objetivamente a experiência, mas o homem, como ele recebe, e o modo como é afetado por tais experiências.

Dessa maneira a experiência é o fato cognitivo do homem, a capacidade de conhecer, ou seja, estabelecer contato com o mundo com o outro e ao mesmo tempo consigo; é a capacidade de interiorizar. A experiência que neste momento pode ser dita como contato, possui essa característica de contínua atualização do conhecimento ao passo que a pessoa está inserida no meio. A experiência pode gerar, portanto, o conhecimento do Eu e do que lhe é externo, o que inclui as outras pessoas, conhecendo a si e aos outros, o homem pode autodeterminar-se, que nada mais é que procurar de modo ético e responsável a realização de si mesmo.

---

<sup>14</sup> *La experiencia más rica, y probablemente la más compleja, entre todas las que el hombre tiene a su alcance. La experiencia de cualquier cosa que se encuentre fuera del hombre siempre conlleva una cierta experiencia del propio hombre. Pues el hombre nunca experimenta nada externo a él sin que, de alguna manera se experimente simultáneamente a sí mismo.* (WOJTYLA, 2017, p.33).

Para as atuais considerações, e também para as que mais adiante se encontram neste livro, tem uma enorme importância o feito de que os outros homens que são objeto de experiência, o são de maneira diferente de quando eu sou para mim mesmo, ou cada homem para si mesmo. [...] em uma das experiências há só o “homem”, e em outra só e exclusivamente o próprio “eu”. Trata-se de duas experiências distintas e diferentes, porém irreduzíveis entre si. Apesar de que a relação que se estabelece em ambos os casos entre o sujeito e objeto da experiência é notavelmente diversa, nos casos anteriores existe uma fundamental unidade do objeto experimentado. [...] a incomensurabilidade procede do feito de que , quando o homem é um dado para si mesmo, é o seu “eu” próprio, o é de maneira muito maior e muito distinta de como é qualquer outro homem que não seja ele mesmo. Inclusive quando temos o maior grau possível de aproximação de qualquer outro homem a diferença permanece.<sup>15</sup> (WOJTYŁA, 2017, p. 36-37, Tradução nossa).

Segundo Wojtyła a experiência do eu é totalmente exclusiva e diferente da experiência do homem. O homem, nesse sentido, pode ser entendido como objeto do conhecimento, nesse sentido o “eu” pode então significar o que conhece do outro, descrevendo o conhecer do outro. De modo que, independente do quão próximo o “eu” seja do “outro”, o conhecimento que o “eu” tem do que lhe é “outro” será sempre inferior ao conhecimento que possui de si. Pois como bem completa ele: “cada um é para si mesmo objeto de experiência de um modo único e irrepitível: nenhuma relação com outro homem desde fora pode ser comparada com a relação experimental da qual o próprio sujeito participa”<sup>16</sup>. (WOJTYŁA, 2017, p.36, Tradução nossa).

“A experiência indica também a imediatez do próprio conhecimento, a relação direta da pessoa que conhece com o objeto”<sup>17</sup>. (WOJTYŁA, 2017, p.42, Tradução nossa). O pensamento de Karol Wojtyła considera como a experiência é importante para a compreensão do homem. A investigação do mundo e do homem são partes do mesmo processo, ou seja, ao passo que é feita uma investigação do mundo é impossível à pessoa não indagar-se a respeito de si.

---

<sup>15</sup> *Para nuestras actuales consideraciones, también para las que más adelante se encontrarán en este libro, tiene una enorme importancia el hecho de que los otros hombres que son objeto de experiencia, lo son de manera diferente a como lo soy yo para mí mismo, o cada hombre para sí mismo.[...] En una de ellas experimentaríamos solo al «hombre» y, en la otra, solo y exclusivamente al propio «yo». Pero es difícil negar que en la segunda experiencia también nos encontramos con el hombre y su experiencia, que viven en el propio «yo». Se trata de dos ex- periencias distintas y diferentes, pero no irreducibles entre sí. A de pesar que la relación que se establece en ambos casos entre el sujeto y el objeto de la experiencia es notablemente diversa, en los dos casos anteriores existe una fundamental unidad del ob- jeto experimentado.[...] La incommensurabilidad procede del hecho de que, cuando el hombre es un dato para sí mismo, es su «yo» propio, lo es de manera mucho mayor y muy distinta a como lo es cualquier otro hombre que no sea yo mismo. Incluso cuando tenemos el mayor grado posible de aproximación a cualquier otro hombre, la dife- rencia permanece.* (WOJTYŁA, 2017, p.36-37.)

<sup>16</sup> *Cada uno es para sí mismo objeto de experiencia de un modo único e irrepeti- ble: ninguna relación hacia otro hombre desde el exterior se puede parangonar con la relación experimental en la que participa el propio sujeto.* (WOJTYŁA, 2017, p.36).

<sup>17</sup> *La experiencia indica también la inmediatez del propio co- nocimiento, la relación directa del cognoscente con el objeto.* (WOJTYŁA, 2017, p.42)

A cognoscibilidade, que Wojtyła chama de experiência, acaba por afirmar três realidades metafísicas: primeiro do homem em sua capacidade de conhecer, depois das coisas que possuem potência de serem conhecidas e ainda a ciência enquanto conhecimento gerado por estas duas primeiras que revela as coisas e a pessoa.

“Na experiência, atos e sentimentos se manifestam em sua conexão mais profunda com o próprio "eu", e toda a estrutura pessoal de autodeterminação também é revelada, na qual o homem se encontra como aquele que se possui e tem domínio sobre si mesmo, em qualquer caso, como aquele que se possui e se domina”<sup>18</sup>. (WOJTYLA, 2005, p.34, tradução nossa).

Isso para dizer o lugar que o homem ocupa dentro desse processo, e que não possui capacidade de ter experiência apenas com o que lhe é externo, mas também consigo mesmo. Não dá significado apenas ao mundo, é capaz de refletir e falar acerca de seus sentimentos: alegria, tristeza, mágoa, raiva, solidão e tudo mais que há dentro do seu ser.

Melendo corrobora com o que foi descrito no tocante ao homem como o verdadeiro centro do conhecimento, sem nunca desprezar o todo que o cerca, mas com a consciência de que metafisicamente o objeto de investigação mais próximo de si que o homem possui é o seu próprio ser.

Entre tudo o que se oferece à nossa experiência, o homem é a realidade mais grandiosa, a mais nobre e sublime. Ou, com palavras mais técnicas, o entre que mais é: com maior densidade ou estatura ontológica, com maior riqueza interior constitutiva. Um objeto qualquer, um cinzeiro ou uma mesa tem pouco ser. No homem se encontra de modo mais pleno que em outras realidades, e, além disso, resulta-nos mais cognoscível. Assim poderia-se entender a conhecida afirmação de Charron, o cético, escrita, sem dúvida, com outra finalidade: “A verdadeira ciência e o verdadeiro estudo digno do homem é o homem”. (MELENDO, 2003, p.24)

Deste modo o conhecimento do meio em que o homem está inserido não é abandonado, mas é dado um valor adequado a cada realidade singular enquanto são *entes*, mas sem colocar de lado a mais sublime realidade, ou seja, a pessoa. É preciso, portanto, deixar claro o modo como a alma age no corpo e de que modo a pessoa é consciente de si enquanto alma e corpo.

---

<sup>18</sup> *En la experiencia, los actos y los sentimientos se manifiestan en su nexos más profundo con el propio «yo», y se revela también toda la estructura personal de la autodeterminación en la cual el hombre encuentra el propio yo como aquel que se posee y tiene dominio de sí, en todo caso como aquel que puede poseerse y dominarse.* (WOJTYLA, 2005, p.34)

## **4. ELEMENTOS DA CONSTITUIÇÃO DA PESSOA NA VISÃO PERSONALISTA DE KAROL WOJTYŁA**

### **4.1 Espiritualidade e interioridade.**

Wojtyła faz e a ligação e, portanto, a união entre ontologia e fenomenologia e como já foi dito os atributos internos como liberdade e interioridade, e externos como a corporeidade, que são inerentes ao homem. Isso porque o valor da pessoa está fundamentado nestes aspectos intrínsecos do homem. Partindo desses aspectos chega-se a um reconhecimento do valor e dignidade integral da pessoa.

O mundo dos seres é um mundo de objetos onde distinguimos pessoas e coisas. A pessoa distingue-se da coisa pela própria estrutura e perfeição. A estrutura da pessoa compreende a sua interioridade onde descobrimos elementos de vida espiritual, o que nos obriga a reconhecer a natureza espiritual da alma humana e da perfeição própria da pessoa. (WOJTYŁA, 1979, p.111)

Com dito outrora a pessoa se destaca das coisas pela perfeição de sua estrutura, dentro desta a interioridade é um aspecto que denota a natureza espiritual da alma humana e esta perfeição que é própria da pessoa enquanto é espírito encarnado. É, pois, a natureza espiritual da alma que difere a pessoa da coisa. “Um abismo intransponível separa o psiquismo animal da espiritualidade do homem.” (WOJTYŁA, 1979, p.111). De modo muito claro; o homem é capaz de compaixão, partindo de sua liberdade e abdicando de si em favor do outro, enquanto o animal se o faz é simplesmente por certo instinto que possui.

O que Karol Wojtyła chama de espiritualidade é o que Tomás de Aquino, tomando de Aristóteles, vem a chamar de princípio ontológico da pessoa, "princípio primeiro da vida" (AQUINO, 2016, p.482)<sup>19</sup>, ou seja, espiritualidade é o mesmo que alma; princípio imaterial que dá forma à matéria, e com isso princípio de todo o agir da pessoa.

### **4.2 A vontade e autodeterminação**

A vontade na filosofia de Wojtyła deve ser entendida como um dos elementos essenciais que constituem a pessoa. A vontade é, portanto, fruto da liberdade é o direcionamento da vontade livre por meio de atos intencionais que visam alcançar um determinado valor.

Do senso básico de liberdade, você pode passar para outro sentido mais desenvolvido. Descobrimos esse sentido nas volições na medida em que são atos intencionais que se dirigem para um determinado valor como para o seu fim. Em seguida, levamos em consideração não apenas o simples “eu quero”, mas todo o

---

<sup>19</sup> Q 75, a.1

conjunto “eu quero algo”. Precisamente aqui notamos uma independência particular<sup>20</sup>. (Wojtyła, 2017, p.189, tradução nossa).

Quando a pessoa escolhe algo por sua própria liberdade o que está acontecendo, nas palavras de Wojtyła, é um “direcionamento intencional”, ou seja, é quando a pessoa age sem nenhum tipo de coação como é o caso da violência, ou algum tipo de necessidade como é o caso da fome, pois a liberdade lhe dá escolhas é ainda que possa escolher “isto” pode igualmente abdicar “disto”. “Quando escolho isso ou aquilo se me está apresentando a minha vontade.”

Na verdade, quando eu quero isso ou aquilo, x ou y, eu tenho a experiência de um direcionamento intencional de um objeto em um modo livre de coerção ou necessidade, porque "eu posso", mas não "tenho que" querer o que eu quero. Naturalmente, no momento em que eu quero o objeto x ou y é que minha vontade me apresenta, então Eu me encontro de alguma forma além do nível de decisão ou a escolha. A vontade já está definida em termos de seu objeto (valor final), ou seja, é determinado. Bem, enquanto falta determinação, não há volição. (Wojtyła, 2017, p.189, tradução nossa)<sup>21</sup>.

A vontade se apresenta como autodeterminação, que nada mais é que a capacidade de ser dono de si, de governar-se, isso se revela na vontade, o que se dá quando a pessoa escolhe ou não algo, o que faz com que a pessoa se direcione para os seus próprios objetivos essa é uma característica da pessoa que vive, que se possui.

Quanto maior o seu grau de maturidade, mais distinta se torna a experiência de autodeterminação pelo sujeito agente. Quanto maior a consciência do fazer e a consciência dos valores, mais claramente o homem – o sujeito – experimenta a autodeterminação. Assim, quanto mais viva a sua experiência disso, mais claramente ele visualiza em sua experiência e consciência a sua própria atuação e responsabilidade.<sup>22</sup> (Aquinate, 2021).

Em síntese, a autodeterminação é a compreensão da pessoa de que é ele mesmo o responsável pela ação, capacidade de ser agente de si, donde “eu sou” o responsável pela “minha atualização”. Essa autodeterminação parte da experiência da pessoa, de modo que a consciência moral, ou seja, a consciência dos valores interfere diretamente na maturidade e

---

<sup>20</sup> Desde el sentido básico de libertad se puede pasar a outro sentido más desarrollado. Este sentido lo descubrimos en las voliciones en tanto que son actos intencionales que se dirige a un determinado valor hacia su fin. Tomamos entonces en consideración no solo el simple “quiero”, sino el conjunto “quero” algo. precisamente aquí advertimos una particular independencia. La volición está ya definida en cuanto a su objeto (valor-fin), o sea, está determinada. pues, mientras falta la determinación no hay volición (Wojtyła, 2017, p.189)

<sup>21</sup> En efecto, cuando quiero esto o aquello, x o y, tengo la vivencia de un direccionamiento intencional hacia un objeto en un modo libre de coacción o de necesidad, pues «puedo», pero no «tengo que» querer lo que quiero. Naturalmente, en el momento en que quiero el objeto x o y que me presenta mi voluntad, entonces me encuentro de alguna manera más allá del nivel de la decisión o de la elección. La volición está ya definida en cuanto a su objeto (valor-fin), o sea, está determinada. Pues, mientras falta la determinación, no hay volición, sino duda. (Wojtyła, 2017, p.189)

<sup>22</sup> Revista Eletrônica Aquinate.



certamente nas escolhas e logo no autogoverno ou dom de si, de modo que a pessoa se realiza na ação.

### **4.3 Felicidade, liberdade e verdade.**

Felicidade, bondade e verdade são atributos que dependentes uns dos outros é que são fundamentais no dinamismo da autorrealização da pessoa, pois a liberdade e a verdade é a fonte da felicidade. A felicidade não é mais que uma experiência superior de prazer, sendo assim os graus de felicidade da pessoa dependem das escolhas.

#### 4.3.1 A felicidade

A autodeterminação direciona a pessoa a uma ação ou mais precisamente à uma autorrealização, visto que realizou uma escolha. Em Wojtyła, felicidade e realização são sinônimos, pois a felicidade da pessoa esta diretamente relacionada à realização ou escolha do bem. “A felicidade sem a liberdade fica ameaçada” (CESAR, 2015. p 72). Assim sendo, no momento que a pessoa escolhe algo bom, conseqüentemente ela se torna boa.

É conhecido que a expressão “realizar uma ação” aponta um efeito duplo da operatividade e da autodeterminação da pessoa, tanto o efeito intrínseco como o extrínseco, o transitivo e o intransitivo. O campo da felicidade tem que buscar no que é interno e intransitivo na ação, o que se identifica como a realização de si mesmo como pessoa<sup>23</sup>. (Wojtyła, 2017, p 258, tradução nossa).

A felicidade é neste sentido a compreensão da realização de ações boas, escolhas boas, que não procedem simplesmente de paixões más, mas que são direcionadas pelo que lhe é intrínseco: desejo do bem, bem como o que é intransitivo: escolha moralmente boa. A pessoa se realiza quando está em conformidade na escolha da verdade e da liberdade.

#### 4.3.2 A liberdade

A liberdade segundo Wojtyła se manifesta no dinamismo próprio da vivência da pessoa, e influencia diretamente na autodeterminação. A liberdade se dá quando o homem escolhe executar essa ou aquela ação, escolher isto ou não escolher isto. É a partir da vontade que leva a uma escolha que se expressa plenamente a liberdade.

Essa manifestação e concretização do dinamismo próprio do homem devem estar correlacionados à potencialidade do sujeito. Esse “posso” e “não tenho que” constitui o “quero” humano, forma a dinamização específica da vontade. No homem

---

<sup>23</sup> *Es sabido que la expresión e realizar una acción» señala el doble efecto de la operatividad y de la autodeterminación de la persona, tanto el efecto extrínseco como el intrínseco, el transitivo y el intransitivo. El campo de la felicidad hay que buscarlo en lo que es interno e intransitivo en la acción, en lo que se identifica con la realización de sí mismo como persona.* (Wojtyła, 2017, p 258).

chamamos de vontade aquilo que faz possível que o homem queira.<sup>24</sup> (WOJTYŁA, 2017, p 166, tradução nossa.)

Isso quer dizer que a liberdade por si não é a causa da felicidade do homem, mas se porta como uma condição de felicidade. “a liberdade de ser realizar-se na verdade” (CESAR, 2015. p 72). Por isso é preciso que haja um íntimo relacionamento entre verdade e liberdade para que a felicidade seja alcançada.

#### 4.3.3 A verdade

A verdade, portanto, é a conformidade da consciência com a norma da verdade que leva a pessoa à felicidade, isso certamente se cumpre a predisposição da liberdade. Sendo assim a “infelicidade é consequência da ação contrária à consciência e à verdade moral conhecida” (CESAR, 2015. p 72).

Como bem define Karol Wojtyła a “a razão essencial da própria capacidade de escolha não pode ser outra coisa que a própria referência de verdade”<sup>25</sup>. (WOJTYŁA, 2017, p 210, tradução nossa). Em suma, escolher, escolher significa optar acerca dos objetos que se apresentam baseando-se sempre em uma verdade.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Karol Józef Wojtyła demonstrou grande preocupação com o caminhar do desenvolvimento antropológico e o modo como a dignidade da pessoa estava sendo tratada entre os antropólogos e filósofos, mas não apenas enquanto teorias, tinha grande preocupação em ver tais correntes e pensamentos, como é um exemplo o utilitarismo, entrando na vida das pessoas.

A Segunda Grande Guerra e as dificuldades vividas na infância sem dúvidas influenciaram a sua filosofia, concebendo a dignidade da pessoa como algo que não poderia ser violado. Percebe que os ataques à dignidade não se dão apenas por meio da violência

---

<sup>24</sup> *Esa manifestación y concreción del dinamismo propio del hombre essa correlação de vontade. Esse “eu posso” e “não tenho” constitui o “eu quero” humano, forma a dinamização específica da vontade. No homem, chamamos de vontade aquilo que torna possível ao homem desejar.* (WOJTYŁA, 2017, p 166)

<sup>25</sup> *La razón esencial de la elección y la propia capacidad para elegir no puede ser otra cosa que la propia referencia a la verdad*

física, mas, e sobretudo, quando surge a incompreensão do amor, da liberdade, da verdade, e principalmente da espiritualidade da pessoa.

O que se procurou demonstrar nesse trabalho foi primeiramente o processo de desenvolvimento da filosofia antropológica e como fora aos poucos sendo formada uma consciência metafísica da pessoa e como posteriormente todo esse conhecimento filosófico foi indispensável na formação de uma consciência do homem dentro da realidade mais pura da sua existência.

Sem desprezar o arcabouço da filosofia tomista, produziu novos significados para a compreensão da realidade metafísica de um modo prático e intimamente relacionado à ação da pessoa dentro da sua existência. De fato, na sua filosofia o homem deixa de ser visto apenas enquanto uma realidade ontológica, mas quer evidenciar com igual importância a experiência, ação, consciência e a transcendência da pessoa, onde ela está inserida a partir da subjetividade que lhe é própria.

Consequentemente Wojtyła vê a pessoa dentro de duas perspectivas que possibilitam a união do ser em sua completude desde o ponto de vista das suas ações e experiências como também da sua realidade ontológica, ou seja, a: fenomenologia e a metafísica. É a pessoa vista em sua concepção integral.

Na integralidade da pessoa a sua transcendência não pode ser esquecida, pois é esta realidade transcendente que lhe concede as demais, porquanto já dissemos: vontade, verdade, liberdade, consciência. Em consequência desta realidade transcendente a dignidade da pessoa se dá, e logo se revela, na experiência da pessoa, interior e exterior.

Em síntese, a antropologia de Karol Wojtyła, está plenamente fundamentada em uma metafísica perene. Não desprezando, portanto, o que fora anteriormente construído, mas atribuindo termos e explicações novas. Igualmente não despreza o que vem da modernidade, mas utiliza de seus termos para construir a sua filosofia da significação e da defesa da vida, da dignidade incorruptível da pessoa, onde não há espaço para o utilitarismo e degradação da realidade do que há: da pessoa e do mundo que o cerca. Em suma foram indispensáveis suas contribuições nos campos antropológicos.

## 6. BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução Alfredo Bosi. 1ª ed brasileira, São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2012.

AQUINO, Tomás. **Suma Teológica, vol.1 Ia PARS**. Tradução: Alexandre Correia. 4ª ed, São Paulo: Editora Permanência, 2016.

ARISTÓTELES. **Metafísica, vol.2**. Tradução Marcelo Perine. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

\_\_\_\_\_. **De Anima** Tradução: Edson Bini 1ª ed. São Paulo: Edipro, 2011.

BURGOS, Juan Manoel. **La experiencia integral**. Madri: Ediciones Palabra, 2015.

CESAR, Paulo da Silva. **A antropologia personalista de Karol Wojtyła**. São Paulo: Editora ideias e letras, 2015.

Revista eletrônica Aquinate. **A estrutura da autodeterminação como núcleo da teoria da pessoa**. Disponível em: <http://www.aquinate.com.br/textos/a-estrutura-da-autodeterminacao-como-nucleo-da-teoria-da-pessoa/> acesso em 29 de outubro de 2021.

MELENDO, Tomás. **Metafísica da realidade: As relações entre filosofia e vida**. Tradução: João Roberto Costa e Silva. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2003.

REALE, Giovane; ANTISERI, Dario. **Filosofia: Antiguidade e Idade Média**, tradução: José Bortolini. vol.1, Ed rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2017.

WOJTYŁA, Karol. **Persona Y acción**. Traducción del polaco: Rafael Mora. 3ª ed. Madri: Ediciones Palabra, 2017

\_\_\_\_\_. **Amor e responsabilidade**. Tradução: Manoel Alves da Silva. Lisboa: Editora Rei dos Livros, 1999

\_\_\_\_\_. **El Hombre y su destino**. Traducción: Pilar Ferrer. 4ª ed Ediciones Palabra, 2005.

YARZA, Iñaki. **Historia de la filosofía antigua**, 6ª ed, Barañáin, EUNSA, 2010.